

# “RECORTE”

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Publicação <u>S E T E</u>
Data <u>30/ 3/ 83</u> Pág. _____

9-2.º E.  
hex

SE7E	Lisboa	30. MAR. 1983
ALGARVE (O)	Faro	JMS



José Manuel  
da Nóbrega

385

## Ó Fernando, desculpa lá isso...

Trata-se, evidentemente, de um equívoco: não é verdade que o Teatro Nacional de D. Maria II seja um móvel (talvez um psychê, de estilo, mas um psychê) de que pouco se vê a utilidade; o doutor Braz Teixeira uma hortaliça do nosso morno e anémico caldo de cultura; a Companhia da (também assim chamada) Casa de Garret uma excrecência do nosso dessaborido melo teatral.

O equívoco deste equívoco é que este teatro, esta função, estes actores, este reportório, não acertam no coração e na inteligência da sua plateia, não atinam com a cabeça do espectador.

São atiradores mirolhos que falham alvos do nosso tamanho (nem sequer excessivo, como é visível) porque a sua ambição é apenas atirar; o seu objectivo, não é chegar ao alvo, mas realizar o tiro.

Trata-se, desta vez, de «Fernando (Talvez) Pessoa», de Jaime Salazar Sampaio, um projecto teatral que se imaginava (ansiava) poderoso e definitivo, a peça que (possivelmente, certamente) completaria o já vasto (e minucioso, sobretudo em João Gaspar Simões) ferramental pessoano.

Salazar Sampaio optou, porém, por fazer da leitura uma leitura, por nos dar o Pessoa que todos conhecemos, o Pessoa sem aquela «metafísica primitiva, metafísica mágica, metafísica ocultista, se quiserem —, mas nem por isso menos profundamente reveladora de uma consciência que viveu em comunhão com o insondável mistério que só a morte desvenda.»

Apanhado nas malhas do encantamento da palavra pessoa, da sua música e da sua mística, o dramaturgo acabou por perder (por esta vez) a oportunidade de desvendar Pessoa. De, tocando com a sua varinha mágica de (é visível) iniciado na memória e no rasto que ficou do Poeta da Hora Absurda, alimentar o sonho (seu e nosso) de irmos **onde o vento nos leva e não nos sentirmos pensar**. Mas, também, de sermos o excessivo, o mais, o tudo, o único que foi Fernando (Certamente) Pessoa, de recebermos do teatro a chave, o sinal, o destino, a **dimensão do que se vê, e não a da nossa altura**.

Não foi, certamente, por desconhecimento ou sacrista hipocrisia que Salazar Sampaio deixou no tinteiro o Pessoa da paixão homossexual e incestuosa (platónica que fosse) sobre quem nos interrogamos hoje: «Mas não será homossexualismo a maternidade mental que lhe permitiu criar a família heterónima?».

Mas, essa pista, «Freddie que eras louro e branco e eu amava-te», e o grito «fui todos os pederastas, absolutamente todos (não faltou nenhum)»; e a «obscenidade» dos «poemas ingleses» — não teriam sido rumos bem mais importantes do que vestir (ridiculadamente, diga-se) esse **guardador de rebanhos** (que ainda por cima não era guardador de rebanhos, mas de **pensamentos**) e os outros, fazê-los manequins devedores de palavras nem sempre bem ditas (quase sempre monocórdicas).

E que dizer da forma (ligeira?) como o autor ignora pura e simplesmente uma das mais importantes linhas do **poeta da soldação e da diferença** que é o seu **nacionalismo místico** exemplarmente expresso na «Mensagem» e é todo um percurso do homem também político e das razões que lhe são subjacentes?

Para termos este Pessoa antes tivéssemos a declamação pura e simples, o serão cultural, o «diseur» encartado. Assim, é melhor esquecer depressa. Ou antes: guardemos o único **momento** Salazar Sampaio deste trajecto: a cena do «Professor» (António Anjos), que é o sarcasmo, a ironia, a farsa em que se reconhece o autor de alguns dos melhores momentos do teatro português de hoje.

Da cenografia de Emilia Nadal, assim uma coisa entre «descubra as sete diferenças» (uma descobri eu: aquele corvo ou íbis ou lá que era, não era corvo, nem íbis, nem lá o que era — era o «bisnau», do José Pinto Nogueira) e «faça você mesmo com blécandéquer», o melhor é não falar.

Um aceno a São José Lapa (que ali está como estaria Edwige Feuillère caída na companhia do Henrique Santana...).

Por último, Artur Ramos (o encenador), que não tinha muito por onde se safar e até partia (também ele, ó céus!) do ingénuo preconceito de entender como exemplo da «serena coragem» de Salazar Sampaio desvendar de Pessoa o terrível pecado «da incómoda verdade da garrafinha do bagaço»...

Ora, não sendo dos copos a que atribuir então toda esta desgraça? Virá a confusão da «dupla existência da verdade»?

«Não sabemos», — que é como se diz mesmo no fim deste, «Fernando (talvez) Pessoa» — **cadáver** a quem teremos (definitivamente?) que pedir desculpa...